

RODRIGO VENTRE

A ECONOMIA CRISTĂ





Este é o quarto artigo da série deste ano sobre a economia dentro da perspectiva das épocas cristãs. Por se tratar neste momento da época da luz, do nascimento do menino Jesus, falaremos um pouco sobre a encarnação da consciência na economia. Falando em nascimento, como o dinheiro nasceu? Qual foi sua primeira forma material? Como sabemos foi através do ouro, por quê? No livreto "O Dinheiro, o Ouro e a Consciência", Klockenbring nos dá boas orientações a estas perguntas.

O ouro está presente em todo o lugar, até nas mais altas camadas da atmosfera, no mar e em todos os lugares da terra, em forma de pó extremamente fino. É como se a terra inteira estivesse repleta de ouro em doses homeopáticas.

O ouro vive entre as polaridades, de um lado é leve, bem próximo da luz, de outro é quase a substância mais pesada que conhecemos (pesa quase o dobro do chumbo). Ele une leveza e peso ao mesmo tempo. Ele funciona como uma força mediadora entre uma expansão infinita (com sua presença nas mais altas camadas da atmosfera) e uma coesão forte (na sua forma material e condensada como normalmente o conhecemos). Ele é um material extremamente nobre que vive entre esta dinâmica da dispersão e do endurecimento. Foi muito usado nas obras, igrejas e templos, representa o divino na terra. .



Por outro lado existe uma veneração por ele que pode funcionar como uma “embriaguez”. Segundo a Antroposofia no início o ouro era uma força psíquica, hoje ele se derrama nos processos vitais, assim como o dinheiro. É uma força solar tão pura e clara que se irradia sobre a terra e que pode nos cegar. Ele pode ser um medicamento ou um veneno conforme a doença e seu uso, na medicina antroposófica o ouro é usado para o coração. Pense agora na relação destas características do ouro com o papel e significado do dinheiro e da economia hoje. Você verá que existe uma forte relação entre os dois. O objetivo original do ouro nos templos era como um apoio ao despertar da consciência, e hoje o dinheiro tem este papel essencial, mas ainda mal ou pouco explorado.

E como tudo que é novo na humanidade, comumente pode tornar-se um tabu. Certamente, junto com a sexualidade e a morte, o dinheiro é um daqueles assuntos que normalmente não se fala de forma livre em uma reunião até mesmo familiar. Falamos sim do dinheiro e da questão econômica alheia, como por exemplo, a corrupção, a bolsa de valores, mas ainda discutimos pouco sobre este assunto nas nossas vidas e relações. Tememos a economia, pois ainda não a atendemos, muitas vezes nem mesmo os chamados “especialistas” a entendem, pois ainda carecemos e muito de uma visão sistêmica e viva do organismo econômico mundial.

Ele é uma enorme força hoje no mundo que flui e está presente em praticamente todos os processos humanos. A economia atua essencialmente no mundo etérico, através do qual podemos por um lado nos perder, nos desgastar e por outro, como sabemos, é onde podemos encontrar o Cristo. Como qualquer tema humano, ele possui sua história, suas crenças, seu DNA histórico. Para explorar brevemente este assunto eu proponho a você leitor um exercício de visualização. Feche os olhos e imagine o Cristo... .

Agora imagine a economia, o dinheiro... Por fim tente "juntar" os dois. Como é isto? Sensações, pensamentos, sentimentos?





Obviamente este é um exercício muito subjetivo, mas que pode nos remeter um pouco à própria história do dinheiro no cristianismo. No episódio da morte do Cristo o dinheiro é um elemento presente junto à figura de Judas Iscariotes, até hoje tratado por muitos como traidor do Cristo em troca de dinheiro. Diz a tradição que Judas era o tesoureiro dos apóstolos e que ele foi enganado pelos sacerdotes que o induziram a mostrar onde estava Jesus a troco de 30 moedas de prata, prometendo que só o prenderiam durante as festividades da páscoa judaica. Conta Mateus que Judas se arrependeu amargamente depois que viu a crucificação, jogou as 30 moedas aos pés dos sacerdotes e em seguida suicidou-se.

Qual o significado deste evento para a relação do cristianismo com a economia? Como relacionamos dinheiro e espiritualidade? Dinheiro e Amor? Será que são elementos que podem ser conectados em prol do desenvolvimento da consciência? A religião cristã, diferentemente de todas outras, baseia-se não em ensinamentos dados por alguém, mas em acontecimentos ocorridos durante a vida de uma pessoa, Jesus Cristo, narrados pelos seus discípulos na forma de parábolas. O nível mais básico da economia (e de necessidade do ser humano) refere-se aos recursos físicos e materiais: alimentos e abrigo, o que todo ser humano deveria no mínimo poder ter acesso de forma digna.

A economia lida constantemente com o tema escassez e abundância de recursos. Neste sentido, podemos nos inspirar na vida e nos feitos de Cristo para pensarmos em uma economia com orientação cristã?
Escolhi a passagem da multiplicação dos pães.
Lucas, capítulo 9.





1. Os discípulos trazem ao Cristo uma possível situação de escassez. Mas o dia começava a declinar. Então, se aproximaram os doze e lhe disseram: Despede a multidão, para que, indos às aldeias e campos circunvizinhos se hospedem e achem alimento; pois estamos aqui em lugar deserto. 2. Cristo faz uma proposta aos discípulos. Ele, porém, lhes disse: Dai-lhes vós mesmos de comer. Responderam eles: Não temos mais que cinco pães e dois peixes, salvo se nós mesmos formos comprar comida para todo este povo. Porque estavam ali cerca de cinco mil homens. Então, disse aos seus discípulos: Fazei-os sentar-se em grupos de cinqüenta. Eles atenderam, acomodando a todos.

3. Cristo realiza o milagre. E, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem entre o povo. 4. O Resultado: Todos comeram e se fartaram e dos pedaços que ainda sobejaram foram recolhidos doze cestos. Cristo transforma uma situação de escassez em abundância que serve e nutre a todos e ainda há sobra. Como ele faz isto? Repartindo, literalmente. Esta é uma lei cristã, a lei da prosperidade servidora. Hoje os conceitos de prosperidade e riqueza estão deturpados, vivemos uma humanidade entre as polaridades da abundância e da escassez.

Muitas vezes podemos observar empresas e pessoas muito abundantes em termos de recursos materiais e financeiros e que vivem em um modelo de tensão com uma gestão da escassez. Se pensarmos o conceito de riqueza de forma sistêmica e não egoísta, podemos dizer que ela é abundância que gera mais abundância para si e para todos ao redor. Mas como construir esta prosperidade servidora? Rudolf Steiner nos dá a chamada "Lei Social Principal", que no fundo possui lógica matemática, é simples e ao mesmo tempo muito difícil se pensada frente o modelo e realidade que vivemos hoje. O bem de uma integralidade de pessoas que trabalham em conjunto será tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho, ou seja, quanto mais ceder destes resultados a seus colaboradores, e quanto mais suas necessidades forem satisfeitas não por seu próprio trabalho, mas pelo dos demais. Rudolf Steiner

Vejam como podemos relacionar o episódio da multiplicação dos pães contado de trás para frente com a leisocial principal.





1. O Resultado: Todos comeram e se fartaram e dos pedaços que ainda sobejaram foram recolhidos doze cestos. O bem de uma integralidade de pessoas que trabalham em conjunto.

2. Cristo realiza o milagre: E, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos para o céu, os abençoou, partiu e deu aos discípulos para que os distribuíssem entre o povo. Será tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho.

3. Cristo faz uma proposta aos discípulos: Ele lhes disse: Dai-lhes vós mesmos de comer. Ou seja, quanto mais ceder destes resultados a seus colaboradores.

4. Os discípulos trazem ao Cristo uma possível situação de escassez: Então, se aproximaram os doze e lhe disseram: Despede a multidão, para que, indo às aldeias e campos circunvizinhos se hospedem e achem alimento; pois estamos aqui em lugar deserto. E quanto mais suas necessidades forem satisfeitas não por seu próprio trabalho, mas pelo dos demais. Muitas vezes agimos como os apóstolos em nossas vidas, vendo somente o deserto, quando Cristo propõe a comunhão. Provavelmente esta lei nos parece tão utópica e irreal, assim como pareceu para os apóstolos a proposta do Cristo. Vivemos em um mundo repleto de recursos materiais e espirituais, mas muitos ainda vivem na escassez de alimento e abrigo físico e espiritual.

Ao invés do egoísmo que impera hoje, esta lei social deveria ser a base de toda ciência e por consequência prática econômica. Na época do Natal muitas pessoas abrem seus corações e praticam mais atos de fraternidade que usualmente. Quem já se dedicou a viver que seja por poucos instantes a servir o outro sabe o prazer que advém desta experiência. Como seria se buscássemos viver desta forma a partir de agora e durante todos os meses de nosso ano?



INSTITUTO ECONOMIA VIVA

COPYLEFT © 2017 DIAGRAMAÇÃO INSTITUTO
ECONOMIA VIVA

COPYLEFT © 2017 TEXTO DE AUTORIA
DE RODRIGO VENTRE

ECONOMIAVIVA.COM
CONTATO@ECONOMIAVIVA.COM

FOTOS:PIXABAY